

O CONHECIMENTO COMO BEM ASSOCIADO À VIRTUDE NA PERSPECTIVA DE SÓCRATES

EL CONOCIMIENTO COMO BIEN ASOCIADO A LA VIRTUD DESDE LA PERSPECTIVA DE SÓCRATES

GERMANO ALVES CAVALCANTE¹

MATHEUS FELLIPE DE SOUZA NETO²

ORIENTADOR: PROF. DR. RAFAEL LUCAS DE LIMA³

Resumo: O presente trabalho é uma análise bibliográfica a partir das obras de Platão sobre a temática encontrada em Sócrates do conhecimento como bem para o homem. Esse que faz do homem sujeito de sua consciência, torna-o capaz de encontrar o Bem verdadeiro, desprende-o da ignorância, permite-lhe alcançar a virtude através da razão esta que é o instrumento o homem age se relaciona com seu próprio ser e as coisas que são externas a ele como as ideias. Apresenta-se por objetivo abordar o conhecimento associado à virtude e ao bem presentes nos diálogos e ideias de Sócrates. Por fundamentação teórica as obras dos diálogos de Sócrates o Teeteto (2001) e Mênon (2001) em que o primeiro trata da procura pela definição do conhecimento e o segundo da virtude; além de artigos e comentadores da historiografia filosófica e idealista como Rocha (2018) que trata em seu artigo da ironia como conceito socrático e Antiseri (2007). Por metodologia adotou-se a análise bibliográfica de livros e artigos de autores e pensadores que apresentam a temática do conhecimento, da razão, da virtude e temas que estão relacionados aos termos. Pode-se inferir que o questionar socrático, a ironia, surge como uma tendência a refletir o conhecimento como bem não só pelo critério de conhecer, mas de possibilitar o ser e fazer.

Palavras-chave: Conhecimento. Bem. Ignorância. Virtude.

Resumen: El presente trabajo es un análisis bibliográfico basado en las obras de Platón sobre el tema encontrado en Sócrates del conocimiento como bien para el hombre. Aquello que hace al hombre sujeto de su conciencia, lo hace capaz de encontrar el verdadero Bien, lo libera de la ignorancia, le permite alcanzar la virtud a través de la razón, que es el instrumento a través del cual el hombre actúa y se relaciona con su propio ser y con las cosas que son. externos a él, como las ideas. El objetivo es abordar los conocimientos asociados a la virtud y al bien presentes en los diálogos e ideas de Sócrates. Como base teórica se utilizan las obras de los diálogos de Sócrates Teeteto (2001) y Menón (2001) en los que el primero aborda la búsqueda de la definición del conocimiento y el segundo de la virtud; además de artículos y comentaristas de la historiografía filosófica e idealista como Rocha (2018), quien aborda la ironía como concepto

¹ Licenciado em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (FAERPI). Mestrando em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), núcleo Instituto Federal Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural (IFSertãoPE).

² Licenciado em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (FAERPI). Mestrando em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), núcleo Instituto Federal Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural (IFSertãoPE).

³ Doutor em Filosofia Prática, Mestre em Metafísica e Ética, e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Desenvolveu pesquisa de Pós-Doutorado, sobre filosofia da educação, no Instituto Humanitas (IH) e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE), campus Petrolina, vinculado ao Colegiado de Pedagogia.

socrático en su artículo, y Antiseri (2007). La metodología adoptada fue el análisis bibliográfico de libros y artículos de autores y pensadores que presentan los temas del conocimiento, la razón, la virtud y temas relacionados con los términos. Se puede inferir que el cuestionamiento socrático, la ironía, surge como una tendencia a reflejar el conocimiento como un bien no sólo a través del criterio de conocer, sino de posibilitar el ser y el hacer.

Keywords / Palabras clave: Conocimiento. Bueno, ignorancia. Virtud.

INTRODUÇÃO

O texto a seguir, nos apresenta reflexões e citações referente a pensamentos de Sócrates quando se refere ao homem como protagonista do conhecimento. Nesta abordagem, analisaremos o conceito de ignorância, o bem que há em conhecer, o conhecimento como relevante na vida individual e comunitária e este como objetivo para o homem.

Sócrates pensava em um único bem para os homens. Esse é o que todos pudessem desejar (o conhecimento), que é como uma fonte de caráter peculiar e indispensável que faz do homem um verdadeiro peregrino na busca insaciável pelo conhecer. Conhecer é intrínseco ao ser humano, porque parte de sua capacidade de linguagem e, portanto, comunicar-se.

Sócrates, pensando no homem como sujeito digno de conhecimento, considera que o homem tende (ou deveria) aderir à sabedoria. Esse é um grande e maior bem para ele, não só pelo fato de adquirir conhecimento, mas porque é somente este o caminho capaz de mudar o comportamento do homem, quando ele permanece na ignorância jamais possibilitará qualquer tipo de crescimento humano e intelectual.

Ignorância para Sócrates consiste no fato de não conhecer, mas também a recusar a não conhecer. Quem não conhece não descobre, se não descobre, não há como pensar sobre o que não conhece, logo, não há como falar. É interessante notar que, todos nós passamos por esta fase, mas o fascinante deste percurso é querer e saber sair do estado de ignorância.

De acordo com Sócrates, o homem só poderia reconhecer como bem a sabedoria se reconhecesse a si próprio, suas limitações e sua própria ignorância quanto à imaginar-se sábio e virtuoso. Visto que, ninguém possui a verdade (e consequentemente a sabedoria), mas pode buscá-la mediante a humildade e interesse pelo bem.

O bem do homem não está associado ao que estar externamente ao seu dispor ou àquilo de que ele se serve, mas como algo que parte de dentro, ou seja, o conhecimento é um processo pelo qual se constrói a partir do interior de cada homem. Mais que uma aquisição de informações, o conhecimento é um estado que o homem adquire por meio de seu comportamento em vista do que ele apreendeu durante seu trabalho de busca.

Sócrates, através de suas ideias sobre o homem, irá nos apresentar como o estado

comportamental do homem pode se modificar ao longo de sua busca no conhecimento, uma vez, partindo da essência das coisas, ele buscará as definições e não as representações. Não basta atribuir características como bom à uma coisa, é preciso encontrar o que é bom. O bom não se confunde com o útil, mas o bom é o necessário.

Objetiva-se abordar através dos diálogos socráticos a perspectiva do conhecimento associado à ideia de bem e virtude, quando Sócrates nos afirmará que o conhecimento é vinculado à prática. De certo modo, não basta apenas identificar o que é o bem, mas é preciso fazê-lo. Quando a ação não é em vista do bem, é porque o conhecimento nunca existiu, houve apenas uma permanência no estado de ignorância.

O presente trabalho qualitativo versa sobre artigos, livros e produções bibliográficas que apresentam sobre a questão do conhecimento em Sócrates, sua filosofia e sobre a temática da razão. O percurso fundamentado nas produções faz uma análise do processo do conhecimento vinculado à vida moral, assim.

Segue-se sobre a questão da ignorância, compreendendo o que ela é e principalmente seu efeito na vida do homem, a saber, daquele que busca a sabedoria. Os autores trazem reflexões que mencionam a visão do filósofo Sócrates sobre o tema.

Na sequência, uma vez sabendo o que é a ignorância, precisa-se reconhecê-la e nesse reconhecimento o homem se perceber como alguém ainda limitado e que não sabe tudo. Posteriormente, o trabalho se detém a refletir sobre a questão do efeito da ignorância e do conhecimento na relação social, principalmente na educação, sobre estado de comportamento, a razão como veículo e a perspectiva do conhecimento como bem.

1. A Ignorância

É certo que, a prática que nos é citada por Sócrates, não consiste apenas para a vida moral e social do indivíduo, mas com via no comportamento e integridade do ser frente ao que ele mesmo é. O Homem quando começa a interrogar sobre as coisas desenvolve em si um processo de identificação e reconhecimento de sua própria ignorância. Esse seria um processo de rememoração ao que apresenta Sócrates no *Mênon* (2001) ao dizer que o homem busca as coisas boas, mesmo quando essas na realidade são más, e o faz porque desconhece e se engana (ignorante) que elas na verdade são más.

O homem é denominado como ignorante por não conhecer, não saber sobre algo ou sobre o que ele percebe em seu caminho. Por não ter informações ou não ter trabalhado o seu juízo mental sobre tal coisa, ele é identificado como ignorante. Ignorante, segundo uma concepção

vulgar pejorativa, não é aquele que responde mal a alguém com rebeldia, mas é aquele que desconhece das coisas aquilo que lhe é pedido ou questionado por outrem e até por ele mesmo (cf. Abbagnano, 2007, p. 542).

Sócrates instigava os homens a pensarem, a elevarem seus potenciais de ciência. O homem é um ser pensante e por isso, ser capaz de refletir sobre ele mesmo. Um passo para o desenvolvimento verdadeiro do sujeito é a capacidade que há em seu intelecto dele identificar-se como sujeito capaz de conhecer, aspirar à verdade, a virtude e o conhecimento e seguir de encontro a estes.

O homem é um único ser que, por ser racional, tem a capacidade de questionar e refletir sobre ele mesmo. O homem reflete sobre os acontecimentos e o objeto que a ele é manifestado, mas também toma consciência da sua existência no tempo e na história. Assim, ser capaz de reflexão é capaz de analisar a si próprio e desejar conhecer, esta é a parte instigante do indivíduo, o desejo insaciável de querer conhecer.

A princípio, é preciso salientar que, há no homem uma alma intelecto e nela estão todos os atributos de sua força racional. Sócrates, quando começa a pensar no homem como sujeito racional, concebe uma concepção de alma-intelecto e é nesta alma onde reside toda a capacidade de desenvolvimento de sua força racional e reflexão.

É a alma-intelecto que inclina o indivíduo ao seu desejo de conhecer e investigar as manifestações que se apresentam externamente a ele. Só um conhecimento primeiramente de si, poderá perceber-se como protagonista do desenvolvimento intelectual, ou melhor, só uma verdadeira consciência de si como ser capaz de buscar o bem (conhecimento), ele poderá perceber a sua alma-intelecto como estrutura não só do pensar, mas do ser. Como nos menciona Sócrates; “A alma nos ordena conhecer aquele que nos adverte: Conhece a ti mesmo.” (Antisere; Reale, 2004, p. 95).

A alma-intelecto, se valorizada pelo sujeito, ordena o ser. É a alma- intelecto quem conduz o ser à busca do bem, é ela quem deve ordenar o sujeito em seu peregrinar à felicidade e ao bem verdadeiro. Mas, é preciso que o sujeito se dê conta da sua presença em seu ser, isso viria a ser também uma identificação da sua capacidade de ser racional, um ser que é capaz de almejar as coisas que estão além do que ele vê ou sente. A alma- intelecto só será capaz de ordenar o indivíduo se, na sua conduta e modo de viver, ele procurar saciar mais a sua mente e razão, que seu corpo.

Ignorância é um estado que todos os homens trazem consigo quando desejam conhecer alguma coisa por meio da descoberta. Acima disso, é de tamanha importância que a pessoa tenha consciência de sua ignorância e não se considere sábio sem o ser, como muitos se consideravam

diante de Sócrates.

Quando um indivíduo assume ser ignorante ele concede abertura para que o primeiro procedimento de aprendizagem aconteça em sua vida. Assim, Sócrates afirma que; “A primeira virtude do sábio é adquirir consciência da própria ignorância.” (Cotrim, 2006, p.87).

Mas, reconhecer que não sabe, seja sobre o que for, é uma tarefa muito difícil, à medida que as pessoas preferem está no limiar da sabedoria, quando todos os homens desejam saber algo, ainda que seja mínimo, mas seu anseio é sempre o de querer saber. É evidente que, a sabedoria propriamente dita não se atribui a qualquer juízo de saber, mas ela é a fonte necessária de aspiração para motivar quem deseja conhecer.

Consideremos os dois estados de ignorância que influenciam o homem. Os estados a que o homem passa, são: ignorância culpável e ignorância inculpável; estes são estados e fases que o homem sofre em renunciar ao que está ao seu alcance de saber ou não saber por inocência. São dois passos importantes que além de revelarem o estado intelectual de determinado indivíduo, também revela a sua humildade.

Tal interesse em estudar sobre o homem em essência se torna tão grande que, ao ver no homem essa alma-intelecto (capacidade de reflexão e racionalidade), Sócrates visa que o homem é o único ser capaz de ir além das coisas materiais e/ou sensíveis, uma vez que, ele não é só constituído de matéria, mas de alma, uma alma interligada à sua capacidade racional.

Dessa forma, o homem é sempre capaz de buscar seu mais alto grau de intelectualidade como realização. Para este nível um tanto exigente, doloroso e composto de etapas, o homem deve vencer o grau de ignorância que interiormente já o traz.

Identificar esse estado no sujeito é necessário para poder nascer dúvida e desejo de investigar. Sendo assim, é de costume em Sócrates utilizar duas formas úteis em seus diálogos, que, segundo ele, é para o próprio desenvolvimento do sujeito. A primeira forma é a ironia, método usado para interrogar e desarmar os pensamentos das pessoas um tanto sem fundamentos.

O despertar da consciência é necessário para que o indivíduo seja capaz de desenvolver questões. Quando os sujeitos abriam-se a certeza de suas ignorâncias, eram instigados a indagar e até a pedirem que Sócrates lhes ajudassem num caminho ao conhecimento, a ironia socrática, movida por perguntas que tentavam direcionar o sujeito, antes de tudo, a si mesmo, para conhecendo a si mesmo, reconhecesse seus limites da ignorância e do saber.

Sócrates está relacionada com seu método de diálogo, pelo qual a mediação dos questionamentos, fazia vir à luz a consciência de ignorância entre os interlocutores de Sócrates” (Rocha, 2018, p. 242). Isso funcionava mais como um jogo em que evidenciava um modo

dialético em que o astuto e arquitetônico Sócrates fazia e bem com as palavras, interpelando e incentivando o sujeito à reflexão e ao encontro consigo em suas limitações, construções equivocadas de sofismos, como apresenta Rocha que “[...] essa forma de filosofar se trata do jogo de movimento infinito com a realidade, é nesse ponto onde consistia a medida em que Sócrates fingia ser ignorante no intuito de ensinar os outros e combater os sofismos, arruinando, indiretamente, a ordem existente” (Rocha, 2018, p. 244).

Perceber-se como ignorante, era na visão de Sócrates um juízo de consciência em que a pessoa tinha humildade e, portanto, já era ao seu alcance ser sábio. Daí sua ideia que é um marco central em sua filosofia, de só saber que não sabe. Todavia, saber que não sabe não quer dizer que não saiba de nada, mas quer dizer reconhecer alguém do conhecimento. Esta é até uma atitude louvável, pois o sujeito tem humildade para uma abertura ao que se deseja realmente conhecer.

É por isso que, o conhecimento em Sócrates é visto essencialmente como algo bom que dirige o sujeito para o bem, o conhecimento não é separado da virtude nem do comportamento na polis.

Dessa maneira, Sócrates afirma que; “[...] é virtuoso quem é sábio: pratica o bem quem o conhece: virtude é saber (intelectualismo ético).” (Sciacca, 1962, p. 56). Afinal, não seria senão pela aprendizagem que se torna sábio no que foi aprendido? Indagará Sócrates a Teeteto,

Dize-me o seguinte: aprender não significa tornar-se sábio a respeito do que se aprende? Teeteto - Como não? Sócrates - Logo, é pela sabedoria, segundo penso, que os sábios ficam sábios. Teeteto - Sem dúvida. e Sócrates - E isso difere em alguma coisa do conhecimento? Teeteto - Isso, quê? Sócrates - Sabedoria. Não se é sábio naquilo que se conhece? Teeteto - Como não? Sócrates - Então, é a mesma coisa conhecimento e sabedoria? Teeteto - Sim (Platão, 2001, p. 40).

Sócrates pregava muito aos jovens sobre isso e lhes ensinava que a melhor forma de saber era conservando a humildade para possibilitar a sabedoria. O conhecimento é algo que, movido pela humildade do sujeito, o leva a um comportamento e uma prática tanto educativa como social. De acordo com Sócrates, seria dever do homem: “[...] unir o saber ao fazer, a consciência intelectual à prática ou moral.” (Cotrim, 2006, p. 86).

Há um juízo de consciência feito pelo sujeito quando interrogado, ou ele reconhece seu desconhecimento ao achar que sabe por parte do objeto em questão ou ele menciona conhecer o que na realidade não o sabe.

Era desta maneira que alguns sujeitos agiam diante das questões que Sócrates lhes expunha, quando interrogados falavam com quem soubesse algo, mas a verdade é que não sabiam nada.

As pessoas não sabiam não porque não soubessem argumentar, mas porque os seus argumentos eram superficiais e se confundiam entre a palavra e a essência do que se pretendia dizer ou alcançar, aqui a ironia de Sócrates era manifestada “[...] na relação da palavra (fenômeno) se posicionando em oposição ao pensamento (essência)” (Rocha, 2018, p. 244). Quando os sujeitos eram interrogados por Sócrates, muitos deles não suportavam seus argumentos e uma vez por outra mudavam suas ideias ou se retiravam.

Estes, por sua vez, jamais reconheciam como ignorantes do assunto; talvez até se lhes falassem sobre isso se sentiam insultados. Para Sócrates, esta não era uma atitude boa nem consciente, uma vez que, nem a pessoa está consciente de seu estado. Por mais que se admita saber alguma coisa, nunca a sabemos por completo, logo, não é possível conhecer tudo.

Para Sócrates, o conhecimento sensível (mais atribuído pelos sofistas e alguns pensadores da época) não era fundamento, pois não conhecia nem buscava conhecer além daquilo que se admitia conhecer sem o investigar. Não basta apenas falar das coisas ou ver as coisas que se apresentam, mas é preciso buscá-la em suas naturezas, uma vez que o conhecimento ou a ciência é uma atividade da alma, como menciona o próprio citado por Platão, “[...] a estrutura do conhecimento enquanto episteme principia com as noções comuns – conceitos gerais e categoriais, que não devemos à afecção dos sentidos, mas à própria atividade da alma [...]” (Platão, 2001, p. 24).

De acordo com Sócrates, o homem precisa ter base e fundamento para compreender as coisas é tanto que, não basta somente pensar sobre elas, mas é preciso explorá-las e encontrar nelas suas naturezas acerca de o que seja realmente. Fazer este caminho é necessário para sair da sensação para a verdadeira razão e isso o homem é um ser por excelência capaz de realizar. Desse modo, afirma Olivo; “[...] aquele que acredita sem ter qualquer razão pode estar apaixonado por suas fantasias, não busca a verdade como deveria” (Olivo, 2011, p. 49).

Partindo das idéias de Olivo, não bastaria somente para o homem acreditar no que sente ou no que exprime perceber. As bases de um conhecimento para ser consistente e digno de crença têm por necessidade está fundamentado na razão e pela razão que é seu alicerce, pois essa lhe vem da alma e conhecer é uma atividade da alma.

Qualquer forma de conhecimento que não esteja alicerçado numa razão perde sua solidez e veracidade. Buscar a verdade e a essência das coisas consistia num espírito de desprendimento e disponibilidade para investigar e, como Sócrates, através da dialética encontrar as bases e o fundamento, sem submeter a nenhum tipo de abstração sensitiva ou optativa.

O pensamento sofista era considerado por Sócrates como algo optativo, ou seja, ao ser relativo em suas variações, é também optativo por não conter base alguma. A maioria daqueles

questionados por Sócrates, não sabiam como construir uma fundamentação, sabiam mais enumerar as coisas e classificá-las. Quando ele lhes perguntava sobre a natureza das coisas, não se fixavam em sua natureza, mas em pensamentos atribuídos a ela. Eram mais pensamentos relativos, que se tentássemos unificá-los contrariavam ou confundiam que os ouvissem.

Em uma crítica aos sofistas, Sócrates menciona que; “O homem sujeito de sensações, medida de todas as coisas, em conclusão, não mede nada, permanece vítima da sua empiricidade; ao nível de uma humanidade inferior” (Sciacca, 1962, p. 53).

A humanidade inferior retratada por Sócrates é mais a visão de uma humanidade que se faz incapaz de refletir se despertar para a própria realidade. A consequência é a humanidade cair em grau de inferioridade e até dependência, isto não equivale somente ao grupo, uma vez que, Sócrates não separa o comportamento humano da polis, mas associa a ela, logo o homem é o integrante da polis e suas relações são consequências de seu estado pessoal.

É notável, Sócrates pode ser visto neste aspecto por um campo educativo. Sua preocupação maior é com a maneira que os jovens estão sendo educados, o que os jovens necessariamente estão aprendendo. Pois, eles absorvem tudo o que foi ensinado para sua prática como cidadão. Mas, o que os ensinam e como os ensinam, são questões que debatiam muito com as ideias da aristocracia vigente da época.

Para Sócrates, o futuro da polis dependeria de jovens bons e instruídos. Seriam eles os continuadores e até renovadores de valores ideais para a vida em sociedade, por isso a grande preocupação com o que é repassado como ensino.

Sócrates queria, essencialmente, que os jovens se elevassem a um grau de conhecimento como contributo à vida futura. Sua preocupação se dá por causa das decisões tomadas sobre a cidade. Tinha mais segurança e domínio de alguma coisa, àquele que se destacava pelo dom da oratória, nas assembleias públicas de tomadas de decisões acerca de questões que envolviam a cidade.

Como os sofistas usavam de seu ensino para impelir os jovens de uma boa oratória, assim, os ensinavam a discursar com segurança demonstrando certeza, precisão e eloquência no discurso, não se importando tanto com o conteúdo.

Mas, para Sócrates era preciso dar atenção ao que abordavam como conteúdo aos jovens. Uma vez que, jovens, impelidos de um caráter político, se posicionasse a tomar decisões acerca da polis, seriam, pois, questões voltadas aos cidadãos e decisões de um ou mais governantes recairiam sobre os povos e interfeririam necessariamente na educação de posteriores a estes.

2. A virtude e o bem do conhecimento

Desde os registros homéricos, o homem grego visa alcançar uma qualidade de vida elevada, de acordo com referências apresentadas pelos mitos e histórias transmitidas a cada geração. A elaboração do ideal de vida foi-se desenvolvendo para apresentar aos jovens uma “imagem do homem tal como ele deve ser” (Jaeger, 1995, p. 24). Na tradição épica, tem-se os exemplos dos grandes guerreiros e com eles apresentam-se as características daquele que possui a Areté, algo que significava uma capacidade comumente vinculada à força e ao vigor quando se trata do corpo, e à sagacidade e perspicácia quando se trata da areté do espírito (ibidem, p. 26).

Ao passo que a filosofia surge e “amadurece” na cidade ateniense, os conceitos ligados à *areté* parecem se transformar. Numa sociedade que não mais se consolidava por meio exclusivo de guerras, a *areté* na política e nos discursos se mostra fundamental para a vida do cidadão grego. No entanto, Sócrates se coloca em um diálogo com o jovem Mênon a fim de esclarecer algumas dúvidas pertinentes desse jovem aristocrata: se virtude é coisa que se ensina e o que é a virtude (Platão, 2015, p. 5).

De acordo com o filósofo Aristóteles; “[...] todos os homens, por natureza, são inclinados ao saber” (Aristóteles, 2004, p. 12). Como ser racional, o homem reflete e é o único capaz de refletir sobre si mesmo. Por isso, inicialmente em seu interior ele deseja conhecer, ainda que ele o limite ou o menospreze, mas é sempre algo intrínseco de sua natureza, o querer conhecer.

De acordo com Sciacca; “O interesse pela significação e pelo destino do mundo é, no fundo, interesse pela significação e pelo destino de nossa existência.” (Sciacca, 1962, p.22). O homem é movido por um desejo um tanto insaciável de conhecer a si próprio, assim, questões como sua origem e fim será sua busca desde quando ele toma consciência de sua capacidade cognoscente.

O bem disso tudo, não consiste apenas em seu aprendizado no percurso de sua apreensão da realidade. Mas, o bem do conhecimento seria parte de sua relação com o mundo e com os

seus semelhantes, pessoas que agem mediante sua práxis, ação pensada antes de produzida.

É neste caminho de busca que o homem, ainda que não se sacie por completo, mas irá tanto construindo seu ideal de vida, como sua realização como pessoa. À medida que a consciência do homem vai se despertando ao conhecimento seu crescimento como pessoa vai se tornando presente.

Atrelado a isso, o bem consiste em algo maior, como nos afirma Sócrates; “O homem deve procurar, sim, o seu bem e seu proveito, mas o seu ‘verdadeiro’ bem e o seu ‘verdadeiro’ proveito pode encontrá-los apenas no bem objetivo (e não no prazer ou nos proveitos individuais)”. (Sciacca, 1962, p.55).

O bem objetivo é também, consequentemente, o bem de todos e para todos. O bem da polis é o bem para o indivíduo, assim é que, de acordo com as idéias de Sócrates, haveria um bem, a saber, a sabedoria como virtude, e haveria um mal, a ignorância.

Sabedoria é o único bem que o homem deve buscar por natureza. Sabedoria é muito maior que o saber, sabedoria é a essência a qual o homem tanto vislumbra e (deve) quer encontrar. Sabedoria não é só um bem por torná-lo sábio, mas porque acarreta virtudes que o homem vai adquirindo no decorrer de sua vida e “[...] a virtude é desejar as coisas belas e ser capaz de conseguí-las” (Platão, 2001, p. 40).

A este respeito, o próprio Sócrates menciona que; “Todas as virtudes pressupõem a sabedoria; todos os males derivam da ignorância.” (Sciacca, 1962, p. 56). É sábio quem é virtuoso e é virtuoso quem tem a sabedoria como meta em sua vida. E sobre a virtude, na obra *Mênon*, Sócrates no exercício do questionar sobre a virtude, leva-a ao ensino, esse como ciência, ciência é o que se aprende; sendo assim, se aprende a ser virtuoso e sobre a virtude, “[...] sendo a virtude um bem, deve ser ciência, uma vez que a ciência é a única coisa que é sempre um bem” (Platão, 2001, p. 71).

É destacável que todos os homens almejam sua realização como pessoa. Mas esta, só é possível quando está condicionada pela busca da sabedoria, sem ela não é possível ao homem

encontrar o seu caminho nem encontrar-se consigo.

Sócrates já dizia que; “[...] Todos os homens aspiram à felicidade” (Sciacca, 1962, p. 56). Este é um desejo de todos, mas nem todos sabem onde e como procurá-la, Sócrates convida, pois aos homens examinarem suas consciências conforme um juízo de valor às suas atitudes e assim, o homem pode direcionar-se ao caminho certo.

A maneira de trabalhar este desenvolvimento, o homem já possui que é a razão e racionalidade como faculdade da alma. Mas não é em qualquer lugar que a procuramos nem de qualquer modo. Assim, pode-se pensar que o conhecimento seja um bem a princípio pela sua própria natureza reveladora de possibilitar ao homem o despertar para as coisas que de fato importam e são virtuosas e as que não, como um despertar de sua consciência; e ainda nesse ponto a virtude está íntima e associada ao ensinar, conhecer, saber e conhecimento; pois, indaga e reflete Sócrates,

Em primeiro lugar, se ela é um tipo de coisa diferente do tipo de coisa que é a ciência, é, ou não, coisa que se ensina, ou, como dizíamos há pouco, coisa que pode ser rememorada? Que não nos importe absolutamente que nome utilizemos, mas sim: é coisa que se ensina? Ou melhor: não é evidente para todo o mundo que nada se ensina ao homem a não ser a ciência? [...] E se é uma ciência, a virtude, é evidente que pode ser ensinada (Platão, 2001, p. 69).

Nisto, Sócrates trata o conhecimento sendo algo de bom para o homem, porque é mediante a sua capacidade de conhecer que ele interage com os seus e com o meio, uma práxis de boa conduta porque conhece e valoriza o saber como vida do homem. Por isso, aspirar o bem é a grande necessidade e o dever de um sujeito, principalmente de quem deseja a felicidade.

2. 1. O conhecimento, a cidade e as relações interpessoais

A cidade é o lugar das relações pessoais, é onde os indivíduos são influenciados e até persuadidos por outros. O conhecimento que um indivíduo tem, pode repercutir decisivamente na vida de outros, este chega a ter relevância quando se dirige ao bem comum. Um sujeito que busca a verdade, ao sair do seu estado inicial de ignorância, almeja somente a verdade e possivelmente a indicará aos outros.

Precisamente, quando ao observarmos que em uma polis existem pessoas são

condicionadas por outras. É preciso ter em mente que, tanto as pessoas que são submetidas, quanto as que se submetem, devem ter uma compreensão maior ao serem capazes de refletir sobre sua condição, se é para o bem ou não. Assim, o governante tem de ser instruído para o bem, pelo bem em vista do que será comum. Sócrates coloca em questão a forma como muitos administradores da polis governam.

Quando ele se preocupa com o ensino dos jovens, bem como com o que era discursado ao público é porque sua preocupação inteiramente se dirige para a instrução que os administradores obtiveram para pensar ou falar do que bem ideal para a polis. O conhecimento é necessário para que muitos indivíduos possam crescer em estado de racionalidade e sabedoria. Por certo, é necessário que, um administrador de uma cidade ame e queira fazer com que o povo não se perpetue pela margem da ilusão e/ou ignorância.

Assim como o conhecimento está ao alcance de todos os que o desejam encontrar, da mesma forma, todos os que fazem parte de uma polis e que a integram em cidadania são dignos de conhecimento.

Se o que muitos ensinam é a verdade, logo, devem por obrigação incitar nas pessoas o desejo de buscá-la. Era, pois, a crítica de Sócrates à tantos que eram acostumados a iludir as pessoas simplesmente com suas falácias e argumentos aparentemente belos. É evidente que, pessoas sem instrução alguma, eram persuadidas por qualquer discurso aparentemente verdadeiro, mas meramente bonito. Até porque o discurso não era em vista do que seria bom mas o que era agradável com palavras bonitas.

Antes da morte de Sócrates, ele nos deixa algo significativo para o bem de uma cidade. Sócrates não aceitava por verdadeiro aquilo que é relativo, como consideravam seus precedentes, mas era preciso procurar uma definição universal na essência das coisas, ou seja, não bastava dizer o que parece ser bom ou necessário para a vida na polis, mas realmente descrever que consequências isso ocasionará, assim haverá uma reflexão mais coerente do que é coerente e verdadeiro bem para a polis.

Desse modo, o que poderia ser válido para um, poderia ser inválido a outro. Mediante este pensamento relativista, não se pensa no que seja necessário para a vida do indivíduo na polis, mas sim no que lhe parece ser útil. Essa tão afirmada utilidade deixa a desejar quando as pessoas agindo assim não seguem um único caminho, o bem, mas vários caminhos o que há muitos não leva à sonhada felicidade e acabam se perdendo no percurso de achar que em seus bens alcançaram o bem. Sócrates criticava com insistência essa maneira relativa de pensar. Só há um bem a se buscar, o caminho é permeado pelo estado de descoberta, tendo sempre algo mais a alcançar e chegar à essência das coisas e alcançar a verdade.

Nesse caminho, primeiramente percebemos a identificação, quando há a identificação, há a identidade do ser como cognoscente. Estando ele, consciente de sua identidade imprimirá um comportamento que será efetivamente prático e relevante para a cidade.

Para Sócrates, não basta somente pensar no bem para uma cidade, é preciso conhecer esse bem. Não é tarefa fácil, mas é viável e necessário para que desperte as pessoas e o próprio sujeito de seu estado de ignorância. Para Sócrates, chegar a uma definição não é tão importante, mas o caminho que se percorre à ela é salutar para a alma.

Uma vez que, os indivíduos identificam o que é essencial para eles e o que é realmente viável, estes, procurarão sair de seu estado de ignorância e então começarão a peregrinar o trajeto da descoberta. O conhecimento é um caminho de descobertas, mas também é um estado que requer do sujeito o desejo insaciável de realizá-lo.

É o conhecimento que condiciona o sujeito a contemplar o que é bom, é contemplando o que é bom que o homem buscará centrar seu caminho para o bem, nesse procedimento da caminhada o conhecimento opera se acentuando na vida. Assim, pois, menciona Lima quando cita Platão em seu artigo que discorre tanto sobre as possíveis reflexões da palavra “educação” como dos modos e finalidade de educar, “[...] a ideia do bem é a mais elevada das ciências, e que para ela é que a justiça e as outras virtudes se tornam úteis e valiosas” (Platão, 2008, p. 301 *apud* De Lima, 2023, p. 381). Na educação que também implica o conhecimento tanto do que ensinar como dos sujeitos a formar, também é implicada pelas questões que se referem ao bem quando pensado do ponto de vista moral e coletivo.

Aristóteles, posteriormente, tratará desta questão mais precisa na práxis. Quando o bem é identificado pelo sujeito e ao bem o sujeito se dirige é vinculado à uma prática. De acordo com Aristóteles, o bem só pode ser realmente aprendido na vida se for praticado; assim, há uma diferença entre conhecer o bem e fazê-lo. O bem que há no conhecimento não só consiste na razão ou sua atividade; mas, parte da razão para a vida e a prática. (cf. Lima Vaz, 2002, p. 121).

Sócrates não desconsidera a prática necessária do bem. Sócrates vincula intrinsecamente a prática ao conhecimento do bem. Quando Sócrates fala do “conhecer o bem”, esta frase, já é associada à prática, uma vez que, se alguém mencionar conhecer o bem e não fazê-lo, é porque ao passo de toda a sua vida não o conheceu; de modo que, não houve um conhecimento do bem, mas uma recusa a ele, logo não saiu de seu estado de ignorância. O conhecimento é reflexo na vida prática. Afirma-nos Sócrates; é “[...] impossível conhecer o bem e não fazê-lo” (Antisere; Reale, 2004, p. 96).

Há grande razão quando ele se refere a insuficiência do sujeito de conhecer, isso porque não abandonou sua ignorância. Assim, o conhecimento só tem relevância quando se faz

transmitido aos outros, só pela vida do indivíduo, sem necessariamente ser expreso.

O conhecimento associado à prática é influente na vida dos outros indivíduos. Quando o homem procura sair de seu estado de ignorância, começa a perceber as coisas que são realmente significativas em sua vida e começa a distinguir as que anteriormente a ele se apresentavam como bem. Começa-se, então, a aspirar algo de maior relevância, o bem (conhecimento).

Todavia, isso terá influência em sua convivência e relações com os outros. Quando o sujeito abraça como objetivo o bem, repassará aos demais a importância que há nisso, bem como a distinção notável que há nas coisas externas e no que realmente é relevante para a vida e, portanto, eficaz quando o leva à felicidade.

É conforme este pensamento que Sócrates pensa na arte de educar. Se considerarmos o conhecimento como alimento para a alma, tornando o “eu - consciente”, impulsionará o homem a cuidar mais de sua alma-intelecto. Mais ainda, àqueles que são incumbidos de tal encargo são os mais responsáveis por conduzir os outros, no ensino, a valorizarem o que há de específico e mais grandioso em seus seres, ou seja, valorizar sua alma-intelecto pela aspiração ao bem (conhecimento).

2.2. O conhecimento e a vida prática

Como já nos foi explicado e com base em nosso pensador clássico, o conhecimento está vinculado à prática. Desse modo, o conhecimento é um estado, que no caminho da própria vida se obtém, como de abstração para o bem.

Visto que, não são as coisas externas que saciam o homem plenamente, como também, não serão estas que levaram o mesmo à verdadeira felicidade. O homem, pelo desejo e com o desejo de conhecer, almeja o bem com via as bondades e instrumentos disponíveis a ele.

O homem que conhece é capaz de agir segundo o que busca. Se o homem tem o conhecimento como bem em sua vida, conseqüentemente valorizará o que há de maior e acima das coisas que têm como bens. O homem se transforma à medida que se dá a esta transformação pelo objeto centralizado e almejado por conhecer em sua vida.

Há uma inclinação do sujeito para o bem. O conhecimento é o estado em que a pessoa, contemplando sua forma de manifestação, é condicionada ao bem, bem este, refletido no seu modo de se portar e de viver. Poderíamos dizer que, é a própria razão e o desejo de conhecimento que no homem buscam uma forma melhor e mais eficaz de viver.

Evidenciamos que no processo de mudança de comportamento e postura mediante o desejo de conhecer é necessário o desprendimento. Sócrates, não recebia benefício algum pelo

que ensinava, a não ser a própria educação apreendida nos jovens. Sócrates, nem se preocupava em ter uma posição melhor na sociedade, como status ou um bom emprego. Sua pobreza tinha um significado, era pelo desprendimento das coisas que se obtinha toda disponibilidade para aperfeiçoar-se em sabedoria e nela caminhar segundo a descoberta do cognoscível.

Sócrates se absteve durante sua vida de muitos afazeres públicos, como empregos de ordem política. Não porque ele não se interessasse, mas, Sócrates levava tão a sério essa questão de desprendimento que, para ele, abraçar algum cargo público, lhe tornaria mais distante do que ele queria realmente abstrair, a sabedoria. Se tivesse outra interferência no caminho certo em busca pela sabedoria, ele não a conseguiria buscá-la com êxito. À medida que lhe pedia dedicação em outras obrigações, talvez seu interesse à investigação não fosse tão eficaz.

Para Sócrates, não é o fato de que o homem tenha obrigações em sua vida, mas é a maneira como ele lida com estas. Certamente, ele priorizará mais coisas que outras, logo, é preciso que o homem tenha em mente que se ele deseja caminhar em via conhecimento, precisa ser objetivo em sua vida o que ele almeja. Ainda que ele tenha empregos, obrigações, mas estas devem ser postas em segundo lugar, uma vez que, são consequências do estado de vida do sujeito, neste estado, tudo o que ele opta em seu ser e alma-intelecto.

Só o conhecimento desperta no indivíduo a descoberta das coisas verdadeiras. Serão estas que o levarão à verdade, só o conhecimento é capaz de libertar o homem de suas meras impressões, só o conhecimento modifica a ideia do sujeito em relação ao que ele pensa. Dessa maneira, é o conhecimento é a fonte primeira e constante no caminho que ocasiona muitas vezes a mudança no comportamento (influencia na alma-intelecto) e na ação (influência na práxis).

Um sujeito consciente de sua ação e do que realmente almeja em sua vida, sabe adequar o seu modo de agir ao conhecer. Saberá ele que, deverá se portar como quem preserva mais a alma que o corpo. Não é o conhecimento em quantidade (com valor aquisitivo), mas o conhecimento que, segundo Sócrates, é capaz de gerar virtude e qualidade ao sujeito. Salvo que, o conhecimento consiste e co-existe no bem inseparável da prática justa.

3. Conclusão

Chegamos ao cume para constatar que, em Sócrates, o conhecimento é o único caminho que desencadeia o homem das suas impressões. Para se chegar às definições é preciso exercitar a razão pela qual se constrói o saber. O homem necessita do bem, para sua vida, para sua alma; pois, somente o conhecimento o pode levar a conhecer esse bem e a buscá-lo. O comportamento pessoal e social é o que será mais atingido pelas vias que ele construiu ao longo de sua busca.

O homem, permeado pelo conhecimento é capaz de atribuir valorização ao que se busca e está a alcançar. Desprende-se das armadilhas dos pensamentos e meras ideias, aprende como também aprendeu que o conhecimento é que o faz sujeito do saber.

A necessidade do conhecimento não viabiliza um bem que passa, mas sim uma peculiar assiduidade da alma e compreensão de si e do cosmo. Só a compreensão das realidades e o conhecimento que se busca delas poderá fazer de maneira superior o ser alcançar seu ponto sublime, de encontro à sabedoria. Por isso, não há virtudes, não há sabedoria, não há felicidade, sem o conhecimento de suas realidades e sem o conhecimento que os pode encontrar.

Portanto, o conhecimento é a fonte que faz do homem um ser capaz de buscar o bem. É o conhecimento que o torna apto para alcançar sua plena realização. Somente com o conhecimento o bem se faz presente na vida do homem. Como diz o filósofo, “O conhecimento de semelhante fato configura a sabedoria e a verdadeira virtude, e sua ignorância, maldade e tolice manifestas” (Platão, 2001, p. 86). Assim, o conhecimento o eleva através do conhecimento de si e discernimento no saber ao bem de sua alma, moldando sua conduta e vida.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo. Tradução: Alfredo Bosi. Martins, 2007.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**: Filosofia pagã antiga: Sócrates e os Socráticos menores. São Paulo: Paulus, 2ª ed. 2004.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**: História e grandes temas: A filosofia da Grécia clássica ao Helenismo. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

DE LIMA, Rafael Lucas. Sobre a Educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 37, n. 79, p. 375–408, 2023.

LACROIX, Alain. **A Razão**: análise da nação, estudo de textos. Tradução de Márcio Alexandre Cruz. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

OLIVO, Alberto. **Teoria do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

PLATÃO. **Mênnon**. Trad. Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Loyola, 2001.

PLATÃO. **Teeteto**: Crátilo. Trad. Carlos Alberto Nunes. 3 ed. Pará: Belém, 2001.

ROCHA, Gabriel Kafure da; SILVA, Estela Araújo. As ironias do conceito socrático em Kierkegaard. **Trilhas filosóficas**, v. 11, n. 1, p. 239-257, 2018.



SCIACCA, Michele Federico. **História da Filosofia I**: Antiguidade e Idade Média: Conhecimento para Sócrates. São Paulo: Editora Mestre Rou, 1962.